

Uma conversa com Harry Collins*

Rafael Antunes Almeida

Graduado em Ciências Sociais/UFMG

Harry Collins é professor e pesquisador da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Cardiff. Ele é um dos mais importantes sociólogos da ciência da atualidade, tendo publicado recentemente com Robert Evans o livro *Rethinking Expertise*, University of Chicago Press, 2007.

Professor Harry Collins, quais foram as suas motivações para entrar no campo da sociologia da ciência?

Como todo estudante, eu estava fazendo meu curso de mestrado, tinha que fazer um projeto de pesquisa e não sabia o que estudar. Quando eu estava no secundário, estudei um pouco de ciências e me pareceu interessante a possibilidade de voltar a estudar em laboratórios. Então, fui até meu supervisor e pedi a ele que me indicasse alguns laboratórios de ciência na Universidade. Ele me mandou até um laboratório, eu olhei para aquilo que eles estavam fazendo, mas não pude imaginar alguma maneira de extrair dali algo interessante. Eles me sugeriram que eu fosse a um outro laboratório, onde os cientistas estavam tentando construir um novo tipo de laser, o qual era muito difícil de construir. Eles disseram: "Provavelmente este será mais interessante para você." Seguindo o conselho, eu fui até lá e realmente, era muito interessante. Foi assim que eu comecei.

Esta semana, o senhor disse em uma das suas palestras, que duas das maiores influências para desenvolver sua abordagem para a sociologia da ciência foram as teorias de Wittgenstein e Peter Winch. Em que sentido eles o influenciaram? Outra questão é: Como Robert Merton o influenciou?

Quando eu estava na Universidade, era tradicional na Inglaterra que um estudante de graduação em sociologia estudasse muita filosofia. Então, eu aprendi um pouco de filosofia, em particular, um pouco de filosofia da ciência – Popper era muito popular naquela época – e então, de alguma maneira, eu me deparei com o livro de Peter Winch, sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar. Eu o li e pensei, eu não posso entender este livro.

Mas se eu quiser me tornar um sociólogo, seria melhor entendê-lo. Então, despendi três meses tentando entendê-lo e, eventualmete, eu comecei a entender a filosofia de Wittgenstein. Somente depois, por um acaso, eu encontrei *A Estrutura das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn. Eu pensei: "Este homem está aplicando Wittgenstein na ciência". Se você já tivesse entendido Wittgenstein e a idéia de "formas de vida"¹, os "paradigmas" de Kuhn seriam nada mais que "formas de vida". Desta maneira, foi natural, que quando eu começasse estudar a ciência, eu a pensasse da maneira wittgensteiniana.

Quando eu comecei a estudar a ciência, eu não conhecia muito da obra de Merton além de sua teoria sobre anomia²: eu realmente tenho que dizer que Robert Merton não me influenciou de maneira alguma. Naquele tempo, eu não conhecia tão bem a literatura em sociologia da ciência e talvez isto tenha me ajudado a tentar fazê-la de uma maneira diferente.

Eu penso que, de alguma maneira, a etnometodologia³ influenciou várias escolas em sociologia da ciência. Esta corrente de pensamento tem algo que ver com o seu trabalho?

A etnometodologia teve muito pouca influência sobre meu pensamento. Essa escola pode ser entendida como uma outra maneira de dizer coisas semelhantes àquelas que Wittgenstein e Peter Winch disseram. Mas, de todo modo, é sempre bom encontrar outras pessoas pensando os mesmos tipos de coisas, porque isso o dá força, ao seguir as idéias que você já desenvolveu. Então, alguém se refere a eles como reforçadores de certos argumentos, mesmo se eles realmente não o proveram com novas idéias. O problema com a etnometodologia é a tensão entre o que pode ser entendido como uma crítica à sociologia ou, uma nova maneira de fazer sociologia. Eu penso que a etnometodologia está confusa sobre isto.

Você foi e continua sendo um dos grandes proponentes do que hoje se chama de "segunda onda" na sociologia da ciência. Quais foram as suas maiores contribuições para este campo?

* Entrevista realizada em 8/05/2008 e revisada pelo autor em 28/06/2008. Agradeço ao Professor Rodrigo Ribeiro, do departamento de Engenharia de Produção – UFMG, por ter não apenas apoiado, como viabilizado esta entrevista.

¹ Nota do tradutor: Uma apresentação detalhada desse conceito pode ser encontrada em WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petropolis: Vozes, 1994.

² N.T.: Para uma compreensão acurada da chamada teoria sobre anomia de Merton ver: MERTON, Robert. *Teoria y estructura sociales*. Fondo de Cultura Económica, México, 1992

³ N.T.: A principal referência da etnometodologia é GARFINKEL, Harold. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall, 1967

A verdadeira mudança crucial em nossa área foi a da sociologia da ciência mertoniana, para a *Sociology of Scientific Knowledge* (SSK), que pode ser datada como começando por volta dos anos setenta. O primeiro artigo escrito nesta área foi, penso eu, o texto escrito por David Bloor, que foi publicado em 1973. Obviamente, Ludwick Fleck já estava escrevendo nos anos 30 e disse coisas muito similares àquelas que outras pessoas estavam escrevendo na sociologia do conhecimento científico. Mas, naquele momento, nós não conhecíamos Fleck. A análise de Bloor foi uma análise filosófica, mas penso ter sido eu o primeiro a fazer estudos empíricos e estava fazendo isso antes mesmo de conhecê-lo. Comecei meu estudo acerca do conhecimento tácito⁴ do TEA laser em 1971, publiquei-o em 1974, comecei meu estudo sobre as ondas gravitacionais em 1972 e publiquei meu primeiro trabalho neste tema em 1975.

De repente, encontrei algumas pessoas em Edimburgo pensando nas mesmas linhas que eu e isso te dá um tremendo reforço e força. Minha primeira afirmativa seria que eu inventei estas idéias independentemente, mas Bloor as pronunciou primeiro. Mas o que eu realmente fiz em primeira mão foi mostrar como usar estas idéias em estudos empíricos. Eu contribuí com a idéia de regresso dos experimentos e, talvez, uma variedade de outras idéias, mas listá-las aqui nos tomaria muito tempo.

Uma de suas afirmações em *Stages of the empirical program of relativism*⁵ é o pronunciamento de que a natureza tem pouca ou nenhuma importância na construção de teorias científicas. O senhor poderia explicar pormenorizadamente esta afirmativa?

Esta afirmativa tem a ver, eu acredito, com aquilo que Bloor disse em seu trabalho anterior, isto é, a idéia de que se deve tomar a noção de simetria da maneira mais séria possível. Simetria significa que você deve tratar aquilo que é verdade e o que não é da mesma maneira, desde um ponto de vista sociológico. Se você resolve tratar o que é verdadeiro e o que é falso desde um ponto de vista sociológico, então é preciso dizer: minha abordagem sobre o que é verdadeiro ou o que é falso não depende do que é realmente verdadeiro ou falso. É neste sentido que a natureza realmente não importa. Você deve tratar a influência da natureza na ciência da mesma maneira que se trata a influência da natureza em uma obra de arte, isto é, baseando-se na opinião das pessoas se esta é uma boa obra de arte, ou uma má obra de arte. Se você estiver fazendo sociologia da arte, você não diz: "Eu tenho que entender se esta é uma boa obra de arte antes de entender a sociologia". Você diz: "Eu gostaria de entender



⁴ N.T.: O conhecimento tácito é "conhecimento que não pode ser explicado". Tal noção teve sua primeira formulação na obra de Michael Polanyi intitulada *The tacit dimension* (1967), e pode ser formulada da seguinte maneira: We can know more than we can tell (podemos conhecer mais que podemos formular). Harry Collins se apropria desse conceito em sua discussão sobre a replicação experimental, isto é, sobre a impossibilidade de se reproduzir experimentos em atenção apenas às instruções laboratoriais de outros pesquisadores.

⁵ N.T.: COLLINS, Harry. *Stages in the Empirical Programme of Relativism*. *Social Studies of Science*, 11(1) 3-10 1981

como esta obra veio a ser tratada como uma boa obra de arte, ou uma má obra de arte, a despeito de sua qualidade". Você deve tratar a ciência da mesma maneira.

Eventualmente, entre 1980 e 1981, eu mudei minha opinião sobre este tema. Antes de 1980 eu pensava que o tipo de trabalho que eu estava fazendo mostrava que você poderia manter uma posição filosófica que dissesse que a natureza não tem qualquer efeito e, depois deste período, eu compreendi que esta era uma questão sem importância, porque você não poderia prová-la de uma ou outra maneira. O que ficou foi o fato de que a metodologia dessa pesquisa ter se mantido a mesma – para usar o método corretamente, você tem que assumir que a natureza não tem qualquer efeito. E nesta famosa e notória frase, que eu coloquei na edição especial da *Social Studies of Science* de 1981, onde eu afirmei: "A natureza não tem qualquer efeito sobre o que as pessoas pensam dela", se você a lê com muita atenção, ela diz que você deve agir como se a natureza não tivesse nenhum efeito sobre o que as pessoas pensam sobre ela. Esse é o ponto metodológico que eu realmente queria remarcar. Eu acredito que é possível dar suporte ao ponto filosófico, mas ele não é muito interessante. É o ponto metodológico que é interessante e que tem consequências.

O senhor nos falou sobre a relação entre sua abordagem e a de David Bloor, mas eu gostaria de pedi-lo que descrevesse quais são as reais relações entre o seu pensamento e o dele e também o de Karin-Knorr Cetina. Robert Evans nos disse que o seu programa de pesquisa, ou ainda, o programa de pesquisa da Universidade de Cardiff, está tentando colocar os princípios de Bloor em prática. O senhor poderia nos falar sobre isto?

Em 1981 eu escrevi um artigo para a revista *Philosophy of the Social Sciences*, no qual eu disse que dos quatro princípios de Bloor⁶, apenas dois deveriam ser usados. O princípio mais importante é o da simetria, os outros eram sobre a reflexividade e sobre adotar uma atitude científica e eu não achava que eles eram partes importantes do programa de Bloor. Agora é possível dizer retrospectivamente, que aquilo que estávamos fazendo era colocar os princípios de Bloor em prática, no entanto, como eu já havia lhe explicado anteriormente, isto não foi o que realmente aconteceu, porque nós não conhecíamos os princípios de Bloor. Eu acho que nos dias de hoje as pessoas tendem a esquecer que havia muito trabalho sendo feito na sociologia do conhecimento científico na década de setenta. A maioria deste trabalho foi feito pelo grupo de Edimburgo, ou o grupo de Bath (eu estava na Universidade de Bath), ou por pessoas influenciadas por eles, como os estudantes de York. Não foi antes de 1979 que a primeira

publicação significativa veio de outra pessoa. Era *Vida de Laboratório*, publicado por Bruno Latour e Steve Woolgar. Karin-Knorr Cetina veio depois – eu acho que sua primeira publicação importante aconteceu em 1981. Desta maneira, nenhum deles teve qualquer influência sobre meu trabalho. É difícil lembrar disso atualmente, com a grande influência recente dos estudos de Bruno Latour, mas foi um longo tempo o período entre o artigo de Bloor de 1973 e 1979. Quando você está criando uma nova área de pesquisa contra grande oposição, seis anos é um tempo longo.

Em particular, o senhor poderia me dizer em que termos pode ser pensada a sua relação com o pensamento de Bruno Latour? Em livro recente – *Reassembling the Social* – Latour disse que procurará promover o que poderia ser chamada de uma virada ontológica, baseada na reformulação da noção ou idéia de ação. Se a ação é tomada como algo que produz diferença, alguma coisa que muda a ordem e os estados do mundo, então objetos também podem ser concebidos como actantes, objetos também podem agir. Esta formulação faz algum sentido para o senhor? O senhor concorda com ela?

Tudo isso é perfeitamente razoável em seu sentido filosófico. A virada de Latour – que ocorreu em meados dos anos 80 – foi dizer, vamos pegar o princípio de simetria de David Bloor, mas agora nós o aplicaremos para todas as diferenças. Para Bloor e para nós, a diferença estava na simetria do falso e do verdadeiro, mas Latour diz, nós tomaremos essa idéia e nós a generalizaremos. A diferença entre humanos e não humanos, animais e coisas, todas estas são construídas e o constituinte básico da questão é o actante. Então, para que o actante tivesse forma, ele teve que ser feito a partir de intersecções entre atores. Eu suponho que poderia ser dito que esta idéia é kantiana. Para Kant, há *noumenas*⁷ que são transformadas em fenômenos pela intervenção humana. Para Latour, há actantes e eles são feitos de coisas que vemos no mundo, pela interação em rede. Essa é uma mudança inteligente de um homem inteligente, mas não é uma mudança que nos ajuda a entender o mundo.

Tal mudança é similar à filosofia dos gregos, pois quando um dizia que o mundo era feito de fogo – "Tudo é fogo" –, o outro dizia: "Tudo é ar". Você pode argumentar sobre isso de maneira muito inteligente, mas é impossível chegar-se a uma conclusão. Ainda que tudo seja fogo ou ar, as coisas acontecerão da mesma maneira. Eu não posso explicar a você o porquê de não ser verdade que tudo é actante, porque eu não sei que tipo de argumento eu poderia usar para mostrar que

6 N.T.: No livro *Knowledge and Social Imagery*, David Bloor instituiu quatro princípios para a orientar o que ele chamou de Programa Forte em sociologia da ciência, a saber, reflexividade, causalidade, imparcialidade e simetria. Para uma maior descrição destes termos ver: BLOOR, David. *Knowledge and social imagery*. 2nd. ed. Chicago: Univ. of Chicago, 1991.

7 N.T.: Para uma explicação desse termo ver o Prefácio da *Crítica da Razão Pura*.

isso não é verdade. Você pode até mesmo voltar a Popper e dizer que esta posição filosófica é essencialmente não falsificável. É como o problema da indução, que é também não falsificável. Mas você não usa o problema da indução para descobrir coisas sobre o mundo, você o emprega para refletir sobre o mundo. Meu maior desapontamento com a virada de Latour é que ele parece retirar ao invés de adicionar algo ao poder de alguém explicar o mundo. Na Sociologia do Conhecimento Científico (SSK), representada pelo tipo de trabalho que eu estava descrevendo, a idéia essencial de conhecimento tácito e a idéia de social são coisas que pertencem apenas aos humanos: apenas humanos têm conhecimento tácito e somente humanos tem o social no mesmo sentido entendido por Durkheim e outros sociólogos. Mas se tudo são actantes, então a idéia de que há algo especial acerca do social é também algo que nasce de interações na rede. A idéia de social, portanto, cessa de ser capaz de nos oferecer qualquer explicação. Mas há coisas importantes que você pode fazer com a idéia de social, que você não poderá fazer se não usá-la para explicar.

Por exemplo, o meu primeiro estudo sobre o TEA laser mostrou como a idéia de conhecimento tácito explicava porque algumas pessoas poderiam fazer um laser funcionar e outras pessoas não. Isso tinha que ver com a maneira pela qual os humanos, como humanos, guardam e transmitem conhecimento, o que é uma propriedade de humanos vivendo em sociedade e não de gatos, cachorros, máquinas, ou outros actantes. Meu segundo estudo, sobre as ondas gravitacionais mostrou, usando a idéia de conhecimento tácito, por que disputas acerca de experimentos não poderiam ser terminadas por mais e mais experimentos.⁸ Você não pode fazer isto com a Teoria do Ator Rede (ANT)⁹. Posteriormente, eu escrevi dois livros sobre os limites de máquinas inteligentes – os limites ocorrem porque as máquinas não são sociais. Uma análise como esta está além dos poderes da ANT. Todas estas coisas fantásticas que se pode fazer como sociólogo, coisas extremamente poderosas, explicando para as pessoas como o mundo funciona, não é possível fazê-las com a ANT, porque a ANT não mantém uma distinção básica entre humanos e não humanos.

Estou muito surpreso, de certo modo, com o sucesso da ANT, porque ela me parece uma teoria com muito pouca capacidade explicativa. Quando se mantém a noção de social, esta é uma idéia com uma tremenda quantidade de poder.

Eu acho que as pessoas gostam da ANT porque, exceto por algumas ideologias, nada entra em conflito com ela. As pessoas podem usar a ANT para sentirem-se felizes no mundo, enquanto o descrevem de uma maneira esotérica. Mas eu acredito que os cientistas precisam de fricção: é preciso sentir-se em tensão com o mundo – para descobrir o seu caráter anti-senso comum, não o senso comum. Uma ciência, do contra senso comum – algo que te faça dizer OH! – agora eu sei porque esta máquina funciona desta maneira, ou porque as disputas científicas duram tanto, é

o que eu achei mais interessante na sociologia do conhecimento científico. Eu não posso imaginar nenhuma surpresa contra senso comum nascendo da ANT.

O senhor poderia me dizer as causas que o levaram a criar o programa de pesquisa pautado em uma sociologia da *expertise* e da experiência? O que estava faltando na “segunda onda” de estudos da ciência?

Por muito tempo, quando ainda fazia a “segunda onda”, eu sempre me senti um pouco desconfortável com certos aspectos do estilo desses estudos. Por exemplo: em 1989, meu amigo Trevor Pinch e alguns de seus colegas da Universidade de York escreveram um livro chamado *Health and Efficiency: A Sociology of Health Economics*. Nesse livro eles criticam as políticas de tratamento médico baseadas na qualidade de vida das pessoas. Este livro me deixou nervoso porque eles criticavam estas pessoas ocupadas em tentar inventar uma maneira de fazer decisões sobre quem tratar e sobre quem não tratar, afirmando que a sua medida de qualidade era ineficiente ou imperfeita. Eu disse: “Ok, é ótimo criticar decisões, qualquer um pode fazê-lo, vocês sabem agora quem tem estas habilidades e podem criticar tudo.” É possível criticar estas decisões e criticar a noção de qualidade de vida, mas o que será colocado em seu lugar? O que vocês dirão a essas pessoas? É muito fácil criticá-los, mas eles ainda têm de tomar decisões; por que o seu livro não os fornece melhores sugestões, ao invés de críticas? E Trevor disse: “Isto não é da minha conta”. Este é o começo – pense que é da sua conta – nossa tarefa de tentar fornecer idéias para políticas públicas, da mesma maneira que críticas a ela.

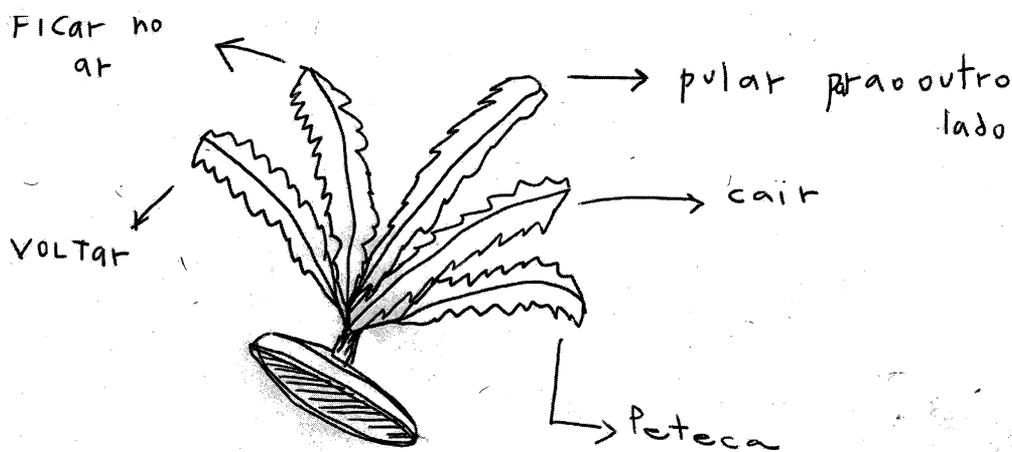
Novamente, um dia estava voltando de uma conferência de História da Ciência, em Boulder, no Colorado, nos Estados Unidos; eu estava no ônibus e havia alguns antropólogos da África do Sul. E um dos antropólogos me disse: “Já que você é relativista, como o relativismo nos ajuda a decidir sobre o que dizer aos homens sul-africanos que acreditam que o caminho para curar da AIDS é ter uma relação sexual com uma virgem? O que o relativismo tem para nos dizer sobre este problema?” Eu percebi que não tinha uma resposta. Eu não sabia o que o relativismo teria para dizer ao se debater com um problema como este. Tudo que ele pode dizer é: “Os homens tem um ponto de vista, as mulheres tem um ponto de vista e ambos podem ser entendidos e ter sua própria racionalidade.”

Mas sabemos, de alguma maneira, que se alguém está fazendo um estudo como este, é preciso dizer a estes homens para não tentarem curar sua AIDS tendo relações sexuais com virgens.

Foi este tipo de quebra-cabeça que me levou a pensar e a me preocupar sobre como responder

⁸ N.T.: De acordo com Harry Collins, controvérsias científicas não se resolvem por resultados experimentais decisivos, isto é, por evidências definitivas sobre a falsidade de uma teoria. Na medida em que os experimentos são passíveis de interpretações e negociações diversas, controvérsias só chegam a seu termo quando os cientistas decidem “coletivamente” parar de discutir. Portanto, o que torna uma teoria válida não é a representação de suas previsões em resultados experimentais de sucesso, mas um processo social de negociação sobre o que deve contar com verdade e o que não deve.

⁹ N.T.: Actor Network Theory (ANT) é o termo que Bruno Latour, John Law, Michel Callon e outros usaram para designar uma escola de pensamento que tem como seu marco fundador a publicação de LATOUR, Bruno; COSTA, Carlos Irineu da. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.



IR

VOLTAR

RECUAR

SUSTENTAR

CAIR

a estas questões como um sociólogo. Eventualmente, uma parte da resposta começou a emergir de algo inteiramente diferente – o grande estudo que eu estava fazendo sobre a física das ondas gravitacionais. Eu estudei os físicos das ondas gravitacionais por 30 anos e comecei a pensar acerca da *expertise* que eu tinha neste tema e como ela se comparava à *expertise* dos físicos. “O que é minha *expertise*, o que é a *expertise* deles?” Então eu entendi que, se eu trabalhasse esta noção de *expertise*, possivelmente eu poderia aplicá-la sobre esta questão acerca da África do Sul e começaria a dizer para as pessoas deste país: “Eu não sei o que é a verdade nesse assunto e eu não posso mostrá-los como analisar a verdade nesse tema, mas o que eu posso analisar, o que eu posso dizer a respeito, é apontar aqueles que, provavelmente, sabem mais sobre aquilo de que estamos falando. Não que eles estejam necessariamente certos.” A “segunda onda” mostrou que é impossível apontar quem está certo em definitivo, mas podemos mostrar ou apontar aqueles que sabem mais sobre o que estão falando. Se for possível mostrar isso, possivelmente esta tentativa te dará um subsídio

para fazer uma decisão em políticas públicas. Mesmo se eles não estiverem seguros de estarem certos – mesmo que isto não seja a verdade – ao menos, é um passo à frente – é um passo no caminho para fornecer uma resposta.

Um dos seus conceitos principais na “terceira onda” é a idéia de *expertise* interacional. O senhor poderia explicar o significado desse conceito?

Este é o conceito de *expertise* que nasceu a partir da minha muito longa experiência com os físicos. Eu não sou um físico, eu sou um sociólogo e, apesar disso, eu sou capaz de falar de física com os físicos a ponto de causar-lhes interesse e de termos uma conversa razoável.

Uma ou duas vezes eu até fiz um comentário interessante sobre física e eles tiveram que dizer: “Sim, você está certo.” Então eu pensei: “Que tipo de *expertise* eu tenho?” Certamente eu não tenho a *expertise* para fazer física, isto é, eu não vou escrever um artigo em física, eu não vou soldar nada, construir circuitos eletrônicos

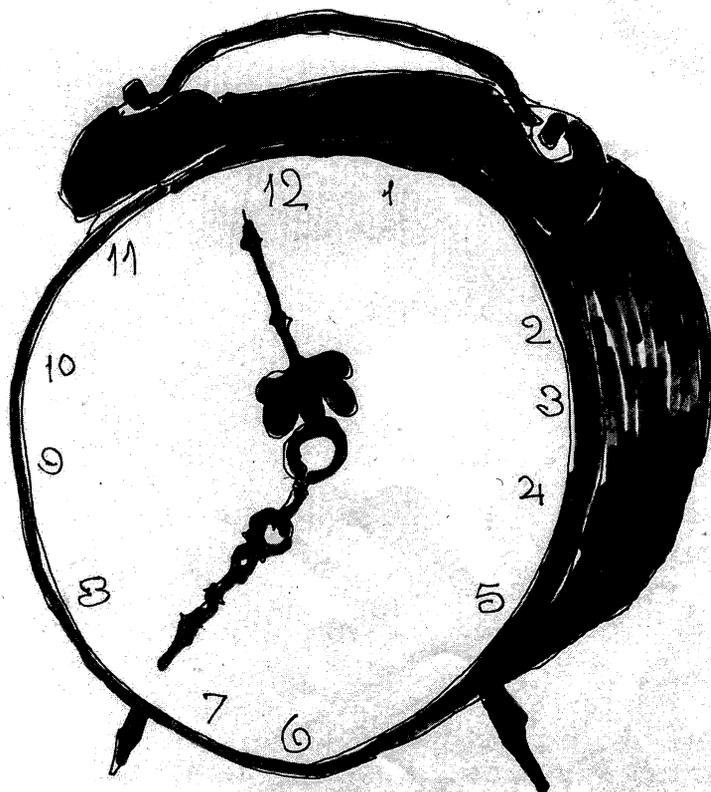
ou polir quaisquer espelhos. Mas eu podia falar sobre isto. Eu pensei, vamos chamar isto de *expertise* interacional. Com essa *expertise* eu posso falar sobre física em um alto nível e fazer certos julgamentos sobre física que não são estúpidos, mesmo eu não podendo, realmente, trabalhar com física. Eu pensei, estes diretores deste grande projeto também não são físicos de ondas gravitacionais, eles vieram da física de altas energias. Eles eram bons físicos fazendo física de alta energia, mas agora eles estão gerindo um tipo diferente de projeto em física das ondas gravitacionais. E realmente eles tinham majoritariamente o mesmo tipo de *expertise* que eu tinha, isto é, a *expertise* interacional. É daí que a idéia de *expertise* interacional vem. Uma vez que você entende a idéia, você percebe que ela está em todo lugar. Todas as pessoas estão fazendo julgamentos, julgamentos *experts*, mas sem necessariamente fazer a atividade. Então, você tem a *expertise* interacional. E se você pensa neste tema um pouco mais, esta é a maneira como se explica a divisão de trabalho. Na divisão do trabalho é possível encontrar pessoas com diferentes especialidades e elas devem interagir e coordenar suas ações sem problemas.

A única maneira possível de coordenar a interação sem problemas é procurando entender o mundo do outro. Eles precisam entender o mundo

do outro sem serem capazes de fazer as coisas que estão necessariamente no mundo do outro. A idéia de *expertise* interacional se torna muito poderosa quando iniciamos a pensar a partir dela.

Eu retirei uma passagem do artigo que o senhor escreveu com Robert Evans, publicado em 2002. O senhor poderia comentá-lo? "Nós estamos fazendo o mesmo tipo de pergunta sobre o que faz a ciência especial, como o sociólogo Robert Merton (e um variado número de filósofos e teóricos políticos) se perguntaram após a segunda guerra mundial. Mas nós estamos tentando respondê-la após a "segunda onda".¹⁰

O modelo de Robert Merton para a ciência, que envolve as normas para o comportamento científico, supostamente deveria oferecer uma explicação sociológica sobre como a ciência produz a verdade. Mas a "segunda onda" mostrou que não é assim que a ciência funciona. As normas não são uma boa descrição de como a ciência realmente procede. De fato, as pessoas fazem ciência de todas as maneiras diferentes possíveis, por ex-



¹⁰ COLLINS, Harry; EVANS, Robert. The Third Wave of Science Studies: Studies of Expertise and Experience. *Social Studies of Science*, Vol. 32, No. 2, 235-296 (2002), p. 242

emplo, às vezes o fazem com grande autoridade, não permitindo qualquer crítica. A ciência é muito mais complicada do que Merton a descreveu. No entanto, nós dissemos na "terceira onda", que as normas de Merton são boas normas para se viver, como um código moral. E uma norma sobre a qual se vive não tem de ser uma descrição correta sobre o modo como as pessoas vivem.

O exemplo que eu darei para este ponto é o sistema de justiça: em meu país, e eu suspeito que também no seu, as pessoas ricas sempre se saem melhor no sistema judicial quando elas vão para a Corte. Essa é a descrição correta do sistema de justiça: o sistema de justiça tende a produzir resultados melhores para as pessoas ricas, em comparação com as pobres. Mas você não diz que é assim que o sistema de justiça deve ser. Você ainda mantém a norma – como você deve se comportar – tal qual todos tenham os mesmos resultados da justiça, independente de serem ricos ou pobres. Então, você separa aquele que é o caso para o sistema de justiça, daquele que deveria ser o caso para o mesmo sistema.

Agora podemos reintroduzir as normas de Robert Merton, ao lado de outras coisas, para dizer que, se você é um cientista, esta é a maneira que você deve agir se estiver tentando fazer ciência. Se você é uma pessoa que diz: "Eu sou um cientista, mas sou um cientista que escolhe o que chamo de verdade com referência à minha crença política." Você não é mais um cientista. Para dizer que sou um cientista, eu preciso afirmar: "Eu sou um cientista, e eu só posso ser um cientista tentando reduzir a influência das minhas crenças políticas."

Não importa muito se as crenças políticas que você tem realmente influenciam as conclusões do seu trabalho, você tem de tentar reduzir a influência, pois, do contrário, a idéia de ciência é destruída. É como dizer: "Eu sou uma pessoa religiosa, mas eu não acredito em Deus." Você não pode ser uma pessoa religiosa e não acreditar em Deus – pois assim, a idéia de religião é destruída. O mesmo com a ciência: você não pode ser um cientista e dizer "Eu escolho minhas crenças científicas com respeito às minhas crenças políticas", pois isto destrói a idéia de ciência.

A última questão é sobre uma recente interpretação do seu experimento – o jogo da imitação – sobre a *expertise* interacional. Este experimento pode ser concebido como a vingança do sociólogo no que diz respeito à polêmica criada por Alan Sokal¹¹?

Não. O experimento que mostrava que eu tinha *expertise* interacional suficiente para me fazer passar por um físico de ondas gravitacionais foi escrito na NATURE para sugerir, como você disse, que foi uma vingança contra Alan Sokal. Alan Sokal, como você sabe, enganou alguns editores da *Social Text*, fazendo-os publicar uma farsa, e os editores da NATURE disseram que eu fiz o mesmo tipo de coisa que Sokal, mas isto não é verdade. Isto não foi o que eu intencionei e isto não é o que o artigo mostra. A idéia de *expertise* interacional mostra que eu realmente tenho *expertise* e que isto não é uma farsa. O ponto de uma farsa é que você não deve ter a *expertise*. E a farsa de Sokal não figuraria como uma farsa se ele realmente tivesse a *expertise* que ele fingia ter. A *expertise* interacional é uma *expertise* real, isto é, ela não é uma farsa. E este experimento não foi uma vingança contra Sokal.

Mas, de alguma maneira, sua discussão acerca da *expertise* interacional ajudou a acabar com as "Guerras na Ciência", como o senhor disse hoje em sua palestra.

Eu acho que minha experiência, meus escritos e os escritos de outras pessoas, mostraram que você pode escrever sem problemas sobre a ciência, desde um ponto de vista sociológico, sem ser um cientista. Isto não significa dizer que isto é fácil e eu ainda acredito que precisamos despender um longo tempo tentando ganhar *expertise* interacional, se você quiser fazê-lo bem. Mas você não tem que ser um cientista qualificado e contributivo para escrever uma análise sociológica da ciência. Eu acho que nós agora mostramos isso.

¹¹ N.T: Tal polêmica é conhecida na literatura corrente em sociologia da ciência como o *affair Sokal*. Esse evento resultou da submissão de um texto "fraudulento" de um conhecido físico para a revista *Social Text*. Nesse texto, Alan Sokal se fez passar por um teórico "pós-moderno", para, posteriormente, no livro *Imposturas Intelectuais*, desclassificar desde a filosofia de Derrida e Deleuze até a incipiente antropologia simétrica de Bruno Latour.